

AS MARCAS DE UM ACONTECIMENTO: ARTES, CIÊNCIAS E FILOSOFIAS EM BARTHOLOMEW FEATHER

LAS MARCAS DE UN ACONTECIMIENTO: ARTES, CIENCIAS Y FILOSOFÍAS EN
BARTHOLOMEW FEATHER

THE MARKS OF AN EVENT: ARTS, SCIENCES, AND PHILOSOPHIES IN BARTHOLOMEW
FEATHER

Roberto Dalmo*

Universidade Federal do Paraná

RESUMO: O presente texto faz uma aproximação aos conceitos de Ciências, Artes e Filosofias em Bartholomew Feather (2023) associando-os à Máquina Classificatória de Humanidades como sistema de cortes na criação dos conceitos Humano e Humanidade e, consequentemente, na hierarquização das existências. Em diálogo com autoras e autores contemporâneos que pesquisam o/no antropoceno, busco tratar a dimensão do excepcionalismo humano e das possibilidades que se estabelecem a partir de relações multiespécie. Dando ênfase aos acontecimentos que emergem no encontro entre humanos e mais que humanos - com destaque para a espécie de Feather e ao contexto urbano, a leitura de tais conceitos possibilitou a emergência de (ciências, artes, filosofias)-com, elencando companheiragens, caminhos que se evidenciam ao caminhar e desacelerações possíveis e urgentes diante de um contexto de crise climática no qual nos encontramos.

PALAVRAS-CHAVE: Therolinguística. Devir-com. Bartholomew Feather.

RESUMEN: Este texto hace una aproximación a los conceptos de Ciencias, Artes y Filosofías en Bartholomew Feather (2023) asociándolos a la Máquina Clasificadora de las Humanidades como un sistema de cortes en la creación de los conceptos de Humano y Humanidad y, Por consiguiente, en la jerarquía de las existencias. En diálogo con autores contemporáneos que investigan el/en el antropoceno, busco abordar la dimensión del excepcionalismo humano y las posibilidades que se establecen a partir de relaciones multiespecies. Haciendo hincapié en los acontecimientos que surgen en el encuentro entre humanos y más que humanos - con énfasis en la especie de Feather y el contexto urbano, la lectura de tales conceptos permitió la aparición de (ciencias, artes, filosofías)-

* É professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), pesquisando na interface Arte-Ciência. É estudante de Artes visuais na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) e possui interesse nas relações multiespécie em contextos urbanos. Tal tema é abordado a partir de diversas linguagens – fotografia, escultura, pintura e performance. E-mail: robertodalmo7@gmail.com.

con, enumerando las caminos que se hacen evidentes para caminar y posibles y urgentes desaceleraciones en el contexto de una crisis climática en la que nos encontramos.

PALABRAS CLAVE: Terolingüística. Devenir-con. Bartholomew Feather.

ABSTRACT: This text makes an approximation to the concepts of Sciences, Arts and Philosophies in Bartholomew Feather (2023) associating them to the Classifying Machine of Humanities as a system of cuts in the creation of the concepts of Human and Humanity and, consequently, in the hierarchy of existences. In dialogue with contemporary authors who research the/in the anthropocene, I seek to address the dimension of human exceptionalism and the possibilities that are established from multispecies relationships. Emphasizing the events that emerge in the encounter between humans and more than humans - with emphasis on the species of Feather and the urban context, reading such concepts enabled the emergence of (sciences, arts, philosophies)-with, listing companionships, paths that make themselves evident to walk and possible and urgent decelerations in the context of a climate crisis in which we find ourselves.

KEYWORDS: Therolinguistics. Becoming-with. Bartholomew Feather.

1 ALGUNS EXCREMENTOS INICIAIS

A compreensão sobre os efeitos antrópicos no planeta tem mobilizado diversas áreas de pesquisa desde a geologia, a química, a física, até as ciências sociais como antropologia, ciências políticas, sociologia, filosofia – como uma atividade de criação de conceitos. Uma definição que emergiu com bastante força nos últimos anos foi o de Antropoceno. Utilizado pela primeira vez na década de 1980, pelo biólogo Eugene F. Stoermer e formalizado em 2000 por uma publicação conjunta (Crutzen; Stoermer, 2000) com o ganhador do prêmio Nobel de Química, Paul Crutzen, ele tem mobilizado diversos entendimentos e desdobramentos, a exemplo de publicações, debates públicos e o aparecimento de revistas especializadas no assunto. Sem a intenção imediata de descartar ou descredibilizar as produções oriundas dos campos das ciências da natureza, darei ênfase às provocações de Anna Tsing (2019, 2022), Jason Moore (2022) e Donna Haraway (2022, 2023). Faço isso por considerá-las mais interessantes para as discussões que se pretendem a seguir e por entender que, de alguma forma, elas nos provocam mais a pensar sobre o “excepcionalismo humano” – um “[...] autêntico estado de exceção ontológico, fundado na separação autofundante entre Natureza e História” (Danowski; Viveiros de Castro, 2017, p. 47) – do que as discussões oriundas do campo das ciências da natureza.

Anna Tsing (2019) realiza sua abordagem a partir da noção de *plantationceno* – nos provocando a pensar sobre como as *plantations*, bem como o desenvolvimento daquilo que se consolidou como o “Agro” (que não é pop e nem é tudo, como vende a propaganda) – está intimamente relacionada com uma produção em larga escala, monocultural e que impacta diretamente a composição multiespecífica do mundo. Tsing (2019, p. 59) alerta: “[...] [n]a Ciência das *plantations*, a expertise e administração trabalham juntas. Os cultivadores nunca são solicitados a comentar sobre suas colheitas. Na ciência das *plantations*, o bem-estar é uma fórmula calculada a partir de cima; o dano colateral é esperado, e ninguém para pra perguntar: ‘bem-estar para quem?’”. Planta-se em larga escala, gerencia-se o tempo, a vida que pode coabitar o espaço rural, investe-se na morte, pesticidas que “limparão” do “bem” rentável toda espécie que reduz a chance de lucro. As *plantations* são realmente um marco viável para o momento no qual vivemos, entretanto, quando pensamos sobre gestão de recursos e o motivo para sua existência, pensamos sobre o surgimento e consolidação do sistema capitalista. Assim, Moore (2022) afirma que o conceito de Antropoceno faria soar um alarme, porém incapaz de explicar como as mudanças alarmantes ocorreram. O autor problematiza questões sobre o capitalismo, poder, classe, antropocentrismo e questões dualistas entre “natureza” e “sociedade”, enunciando: “[...] capitaloceno é uma palavra feia para um sistema feio” (Moore, 2022, p. 19).

Já em *Ficar com o problema* (2023), a bióloga e filósofa Donna Haraway nos apresenta a noção de Antropoceno como um conceito que não só nos ajudaria a pensar sobre a ação antrópica, mas também nos provocaria a pensar que não são todos os antropos, enquanto espécie, que geram os mesmos impactos no mundo – afetando-o ao ponto de imaginarmos seu fim (ao menos o mundo dos ditos humanos). Nesse contexto de debates e disputas conceituais, Haraway (2023) provoca, a partir de autoras como Lynn Margulis e Isabelle Stengers, a pensar a arrogância do “sujeito” moderno que se pretende “sujeito”, mas não passando de um emaranhado de interconexões multiespécie. Assim, a autora apresenta o *Chthuluceno*: “Meu’ Chthuluceno emaranha inúmeras

temporalidades e espacialidades em uma miríade de agenciamentos de entidades intra-ativas que compreendem mais-que-humanos, outros-que-humanos, não humanos e humanos-como-húmus" (Haraway, 2023, p. 182). Nesse emaranhado de relações que compõem o *Chthuluceno* que a filósofa, inspirada em Marilyn Strathern, nos diz que "[...] [i]mporta quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais relações relacionam relações. Importa quais mundo mundificam mundos. Importa quais estórias contam estórias" (Haraway, 2023, p. 66). Nesse contexto é que se localiza o ponto central deste ensaio.

Em pensar quais estórias contariam estórias, então, sobre fins de mundo e o surgimento de novos mundos? Em pensar com quem compor, bem como sobre a proximidade das conexões. Um ensaio sobre fabular mundos e, talvez, experimentar saídas. Nesse contexto de *Cat's Cradle*¹, que ocorrem em um Antropoceno, que pode ser entendido como capitaloceno, *plantationceno*, ou até mesmo um *Chthuluceno*, busco me aproximar e me conectar com pombos. Especificamente com Bartholomew Feather, companheiro, ameaçado por biopolíticas estatais e antropocentradas, assim como pelos fascismos cotidianos. Nesse ensaio, busco comentar os conceitos de Ciências, Artes e Filosofias que emergem no pensamento desse intelectual. Para tal, tomarei como base o texto *A Máquina Classificatória de Humanidades: escritos excrementais* (2023) e o trabalho artístico *Merda de pombo* (2024), pensando desde a crítica à possibilidade de desaceleração que emerge do acontecimento entre o humano e o excremento de pombo.

2 A MÁQUINA CLASSIFICATÓRIA DE HUMANIDADES

"A Máquina Classificatória de Humanidades se fez assim, invadindo, roubando, estuprando, criando ciências, artes e filosofias que legitimam suas ações."

(Bartholomew Feather)

O livro *A Máquina Classificatória de Humanidades: escritos excrementais* (2023), traduzido por Roberto Dalmo, emerge quando o tradutor associa-se aos estudos de Therolinguística. Ele apresenta um compilado de textos coletados entre 2017 e 2022 ao redor de uma praça pública que, para garantia de princípios éticos, foi chamada de "Praça 7 de março". Em um esforço coordenado e um trabalho coletivo, que envolveu mais de 100 pessoas, as amostras foram coletadas. Com o auxílio do software *NbPbX 2.0*, o processo de decodificação e tradução foi desenvolvido. Nesse contexto, o pensamento de Bartholomew Feather (2023) revela-se algumas vezes bastante raivoso – já que, em sua história, fica evidente uma série de mazelas sofridas em seu contato com o grupo autointitulado "humanos", mas, também, uma visão generosa que aponta caminhos construídos a partir de um processo profundo de observação. Nesse texto, proponho evidenciar como o autor comprehende as Ciências, Artes e Filosofias, uma vez que as formulações estabelecidas por Feather são oriundas de um olhar invertido – se comumente nós humanos criamos vastas listas com classificações e detalhados processos de descrição de outras espécies, compreendido como taxonomia; se nós humanos estabelecemos o que seria o comportamento animal e demos o nome de etologia a isso. Por que não damos destaque ao pensamento de Bartholomew Feather? Para além de buscar um pensamento universal e que compreenda todas as possibilidades de existência, afinal, isso é uma forma demasiadamente humana de pensar, Feather (2023) traz algumas impressões que se baseiam na sua constituição como um observador extremamente sutil. O pombo, em relação a outras espécies urbanas, consegue coexistir sem gerar tanto alarde – obviamente, podemos afirmar que existem inúmeros processos de tentativa de extinção em massa das populações de pombos urbanos, entretanto, ele ainda gera menos caos do que o aparecimento de um rato, por exemplo.

A Máquina Classificatória de Humanidades surge, então, como conceito que se apropria de Deleuze e Guattari, e do livro *O anti-édipo* (2011), esquecido e encontrado por Feather em um banco de praça.

¹ *Cat's Cradle* ou cama de gato, diz Haraway (2023, p. 25): "[...] as figuras de barbante são como contos: elas propõem e põem em jogo padrões para que cada participante possa, de algum modo, habitar uma terra vulnerável e ferida" (Haraway, 2023, p. 25).

Uma máquina se define como um sistema de cortes. Não se trata de modo algum do corte considerado como separação da realidade; os cortes operam em dimensões variáveis segundo a característica considerada. Toda máquina está, em primeiro lugar, em relação com um fluxo material contínuo (*hylê*) que ela corta. Funciona como uma máquina de cortar presunto: os cortes operam extrações sobre o fluxo associativo. [...] Longe de se opor à continuidade, o corte a condiciona, implica ou define aquilo que ele corta como continuidade ideal. É que, como vimos, toda máquina é máquina de máquina. A máquina só produz um corte de fluxo se estiver conectada a outra máquina que se supõe produzir o fluxo. Sem dúvida, esta outra máquina, por sua vez, é na realidade corte, mas ela só o é em relação a uma terceira máquina que produz idealmente, ou seja, relativamente, um fluxo contínuo infinito. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 44-45).

Ao estabelecer uma Máquina como um sistema de cortes, Bartholomew Feather afirma que os Humanos são uma parte dos Habitantes de Terra que, entre aquilo que foi atribuído como vida-morte, habitam também a Máquina Classificatória de Humanidades. Entretanto, tal processo, devido à sua complexidade, é destrinchado a partir de um recurso de repetição e estabelecimento das diferenças.

A Máquina Classificatória de Humanidades é disforme, nebulosa, fluida. As peças: Máquinas de Máquinas – micromáquinas em relação à Máquina Classificatória de Humanidades; peças-derivadas, agregados, assim também são. Fluidos que compõem com outros fluidos, produzidos pelas peças Ciências, Artes, Filosofias e compõe entre si o seu funcionamento. (Feather, 2023, p. 36).

Com isso, o autor estabelece a interconexão entre as peças em um engendramento molecular.

A Máquina Classificatória da Humanidades classifica, segregá, agrupa, ficha, categoriza, divide, cataloga, identifica, rotula, especifica, separa, distribui, capacita, habilita, qualifica, aprova, corta. [...]. A Máquina Classificatória de Humanidades existirá até, minimamente, a extinção daqueles que nela habitam. A Máquina Classificatória de Humanidades captura outras Máquinas Existenciais para si, ou seja, ela se alimenta e se desenvolve a partir de um processo maquinofágico colonizador. Como a Máquina Classificatória de Humanidades é composta por peças, em nível molecular, elas vibram – simetricamente, assimetricamente, para um lado, para outro, para frente, para trás, ressoando fortemente, impondo vibrações, capturando algumas novas peças e descartando outras. A Máquina Classificatória de Humanidade classifica Humanidades – seleciona, hierarquiza. Ciências, Artes, Filosofias, capturam e são capturadas pela Máquina Classificatória de Humanidades. Ela possui sede e busca, incessantemente, Humanidades para classificar. Ela já viajou, invadiu, estuprou, cuspiu e classificou, escravizou. A Máquina Classificatória de Humanidades também transforma as excluídas peças em peças úteis – a que não se encaixa já se tornou rei. A que não se encaixa fez surgir e lá ficou – dominando a máquina, gozando as peças, ditando, classificando Humanidades. A que não se encaixa outrora se tornou burguês. A que não se encaixa fez surgir e lá ficou – dominando a máquina, gozando as peças, ditando peças, classificando Humanidades. Da casa à colônia, ao mundo-colônia, ao porvir. (Feather, 2023, p. 35-37).

A conceituação de Máquina se dá em diversos momentos, porém, o trecho destacado representa uma boa síntese: são apontados elementos como extinção de outras existências e, consequentemente, outras possibilidades ontológicas que não se inserem na máquina; seu caráter plástico e, ao mesmo tempo, autoritário; e sua história quando narrada a partir de matrizes epistêmicas eurocentradas. A partir de tal compreensão, Feather (2023) estabelece, minimamente, três critérios formadores ou estruturas constituintes – intituladas pelo autor como “peças” da máquina – máquinas de máquinas. São eles: Ciências, Artes e Filosofias – elementos que abordarei com mais detalhes a seguir.

2.1 ARTES, CIÊNCIAS E FILOSOFIAS

Em inúmeros momentos de seu livro, Bartholomew Feather (2023) apresenta as Ciências, Artes e Filosofias como peças da Máquina. O autor afirma que o grupo que se intitula como Humanos aprendeu que as Ciências, Filosofias e Artes contribuem para uma ampliação de tal humanidade, ou seja, na medida que os habitantes em Terra conseguem ampliar sua inserção em um ou mais desses domínios, maior a chance de serem compreendidos como humanos. “Entretanto, percebo que são as mesmas categorias de Ciências,

Artes e Filosofias, mediadas pelas Educações, que estruturam as cisões, cavam os abismos entre as existências em Terra” (Feather, 2023, p. 18). É importante reforçar que, para Feather, não são todos os Habitantes da Terra que pertencem à Máquina e que não há uma correlação direta entre a fluência em uma determinada peça e a possibilidade de pertencimento. Há macrossistemas que o autor apresenta como “tronos maquínicos”.

O burguês, amparado no sistema capitalista, gerencia os recursos e aponta formas de ser, de pensar e de constituir valores que reforçam o capitalismo que se consolida em um dos tronos maquínicos; o colonizador, gerindo a existência, invadindo territórios, dominando outros habitantes, consolida o colonialismo como sistema que atinge toda constituição do colonizado; por fim, o racionalista, detentor da ordem do mundo e do jeito único e correto de pensar, de se posicionar no mundo, o modo do silenciamento dos afetos e da superioridade de um sistema de pensamento em detrimento de outro. Os três amigos, sentados nos tronos maquínicos, regem a classificação de Humanidades. (Feather, 2023, p. 117).

Com isso, as peças passaram a desenvolver um papel, também, de formuladoras de parâmetros de julgamento – o que possibilitou as classificações e os enquadramentos nas humanidades possíveis. São evidenciadas, para Feather, as existências possíveis, existências conquistáveis, loucuras válidas e rechaçáveis, na medida em que os macrossistemas capitalismo, colonialidade e racionalismo permitam, ou melhor, compreendam que seja viável para a sua manutenção. Feather comprehende o papel das educações institucionalizadas como mantenedor da Máquina Classificatória de Humanidades. Ao indagar “[...] quais ciências, quais artes e quais filosofias?” (Feather, 2023, p. 44), ele afirma que as Educações, em forma de peça, irão dizer. Ou seja, a Educação, quando institucionalizada, torna-se víscera da Máquina e, consequentemente, responsável por selecionar quais Artes, Ciências e Filosofias são úteis à manutenção do sistema maquínico.

A institucionalização das Educações passa a ser garantia, para todos aqueles sentados nos tronos maquínicos, de que seus Habitantes saberão julgar, classificar, recortar, analisar, compartimentar, aferir e atestar de acordo com os seus interesses e, consequentemente, de acordo com os interesses da Máquina. A Humanidade é um diploma. (Feather, 2023, p. 45).

Quando pensamos em educação, constantemente a associamos diretamente às escolas. Entretanto, o autor utiliza-se do termo “Educações institucionalizadas” para abranger uma gama de processos, e com isso, falar, sim, sobre as escolas, mas não apenas sobre as escolas. Os aprendizados obtidos com personagens como o Equilibrista, o Hacker e o Zumbi tensionam modos de existência na Máquina Classificatória de Humanidades, entendimentos sobre as Artes, Ciências e Filosofias, e ações possíveis. O Hacker estabelece uma crítica às peças e um desejo de inoculação viral. Ele alerta e provoca que as Ciências criadas por pessoas racistas em um mundo racista terá traços de racismo, afrontando uma ideia universalista de conhecimento neutro, impessoal. As Artes e Filosofias não são diferentes. Foram criadas Artes e Filosofias de todos os tipos possíveis, mas nenhuma delas impediu processos colonizatórios, escravização, genocídios. Nenhuma delas impediu o extermínio de outras existências. O Hacker afronta uma dimensão romantizada que coloca a escola no centro das possibilidades de construção de mundos outros e provoca: “[...] [a] Escola é o coração da Máquina Classificatória de Humanidades, ela é um fragmento das vísceras que se tornou peça (Feather, 2023, p. 86). Para o Hacker, habitar a Máquina Classificatória de Humanidades se daria como um processo de *arqueologia fecal* – coletando Artes, Ciências, Filosofias excretadas e, com isso, compreender outras Máquinas existenciais. Tal processo permitiria inoculações virais:

A arqueologia fecal não é simplesmente encontrar algo que virou bosta, mas encontrar aquilo que virou bosta porque ameaçaria a Máquina Classificatória de Humanidades. A arqueologia fecal possibilita a obtenção de nutrientes necessários à ação-hacker, ou seja, encontrar os valores, medidas que transfiguram a Máquina Classificatória de Humanidades (Feather, 2023, p. 92).

Feather apresenta a complexidade da questão humano/humanidade quando problematiza o sistema de direitos formulados e que, de alguma maneira, tenta possibilitar uma vida melhor. É inegável que existências *antropos* à margem beneficiam-se da existência de um sistema jurídico que viabilize questões como demarcação de terras, cotas, políticas de inclusão e acessibilidade. De forma alguma isso é colocado em questão, mas, por outro lado, é urgente compreender o funcionamento da Máquina Classificatória de Humanidades e as mazelas provocadas pelo excepcionalismo humano. Não, não somos todos humanos, há alguns mais humanos do que outros e, para além do humanismo, há uma infinidade de existências negadas em Terra como existências válidas. As Ciências,

problematizadas a partir da dimensão de pesquisa de Linda Smith; as Artes, enquanto sistema de representação, a partir de Stuart Hall; e as Filosofias, a partir de exemplos como o diálogo entre Kant e Hume, que tensionam os conceitos de humano e humanidade.

A partir da consciência do sistema Máquina, quais caminhos são possíveis? O do Equilibrista? o Hacker? o Zumbi? Todos ao mesmo tempo e em constante movimento é a resposta apresentada por Feather (2023), assim como o pombo, que é filósofo, artista e cientista.

3 MERDA DE POMBO

Anna Tsing (2019, p. 87) nos diz que

Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as possibilidades estejam contra nós. É recusar - e também se recuperar. Se quisermos viver, devemos aprender a ocupar até os espaços mais degradados da terra. Nossa raiva é necessária. Sem isso, nós definhamos.

Como, então, fabular nos espaços mais áridos, criar estratégias de sobrevivência que valorizem a cooperação multiespécie e estimule perturbações lentas²? Os espaços áridos das Ciências, Artes e Filosofias estão em disputa. Olhar para o futuro, muitas vezes, implica em olhar para o passado. Ailton Krenak (2022) pensa num futuro ancestral, um olhar para as questões sensíveis que são efeitos da colonialidade e da criação de um modo de vida guiado pelo capitalismo. Krenak (2022, p. 64) também nos ensina convivência: “[...] pois se a gente conseguir fazer com que continue existindo florestas no mundo, vão existir comunidades dentro delas”. A mudança nos modos de vida também é evidenciada por Nego Bispo:

Quando o agronegócio chegou por aqui, nos disseram para não consumir boa parte dos frutos que costumávamos consumir. Tudo aquilo que não era mercadoria era ruim.[...] Se a natureza te oferece de graça, por que vender? Isso é puro colonialismo. (Bispo dos Santos, 2023, p. 80-81).

Conhecer, pensar, propor, tentar desamarrar os nós do colonialismo é parte do caminho, construído ao caminhar. Imaginar novos modos de vida, estimular o “fazer-com” (Haraway, 2023, p. 111) e romper com a carapaça do humano denunciada por Krenak (2022) como um clube que seleciona os participantes em uma dança civilizatória. Como apontam Danowski e Viveiros de Castro (2017, p. 165): “Falar no fim do mundo é falar na necessidade de imaginar, antes que um novo mundo em lugar desse nosso mundo presente, um novo povo; o povo que falta. Um povo que creia no mundo que ele deveria criar com o que de mundo nós deixamos a ele”.

O trabalho intitulado *Merda de pombo* (2024) consiste em uma parceria. Um Devir que se constitui, ou ao menos tenta se constituir como um Devir-com (*Becoming-with*). São 30 latas metálicas de produção industrial adesivadas com o texto “Merda de Pombo – conteúdo, 1 gr. líquido; conservado fresco; produzido e enlatado; outubro 2024” em português, inglês e francês. No plano de fundo, o nome Bartholomew Feather se repete inúmeras vezes e, na tampa, está escrito “produced by”, com a imagem de um pombo com uma câmera analógica presa ao corpo, uma assinatura e uma numeração. A referência direta é o trabalho *Merda d'artista*, de Piero Manzoni (1961). Se Manzoni tensiona o sistema de arte e o papel do artista nessa obra, Feather (2024) busca outras relações.

² As perturbações lentas, para Tsing (2019), se referem aos ecossistemas antropogênicos nos quais outras espécies possam viver. Paisagens de perturbação lenta são as que nutrem colaborações interespécificas.



Figura 1: *Merda de pombo*, por Bartholomew Feather e Roberto Dalmo

Fonte: Do autor (2025)

A associação entre capitalismo e ciências industriais, muito impulsionada pela química industrial, invadiu as mentalidades dos habitantes da cidade. Nada produzido fora da indústria possui valor. É menor, perigoso para a vida, menos prático. Enlatar é garantia de pasteurização, urgente para uma égide da saúde pública e para a manutenção do *status quo*. Quem experimentar sair do país com um produto não industrializado irá sentir o poder da incineração. Controle estatal, assepsia, contaminações controladas. Esquecemos que, como nos ensina Haraway (2023), ser um é sempre devir-com muitos.

O enlatar controla o devir-com. O enlatado, símbolo da sociedade industrial – sopa Campbell's –, se faz como um recurso valioso no pós-apocalipse. Aqueles que desejam sobreviver constroem *bunkers* abastecidos de comida enlatada, eles juntam aos montes o resquício da sociedade industrial e desejam, após a catástrofe, se arrastar com aquilo que sobrar desse modo de vida. O sobrevivencialismo que não enfrenta políticas neoliberais de destruição do planeta não passa de uma ilusão. Quando o mundo humano acabar, a coleção de latas de merda de pombo poderá se tornar um recurso valioso para a construção de um novo mundo? A abertura das latas poderá permear a abertura das possibilidades? Devir-com enlatado estimularia a emergência de uma (arte, ciência, filosofia)-com? Quais caminhos possíveis para um mundo no qual o “humano” esteja em outra posição relacional? São indagações que Feather (2024) nos estimula a fazer.

4 (ARTE, CIÊNCIA, FILOSOFIA)-COM: UM EXERCÍCIO DE HUMOLOGIA

Compreender a Máquina Classificatória de Humanidades nos estimula a compor com excrementos de pombos-ciborgues e habitar as ruínas do Antropoceno. Entre os cortes, há possibilidades de subversão? Para Feather (2023), o caminho se daria pela égide da Multiplexistência – conceito que emerge como a coexistência em movimento dos modos equilibrista-hacker-zumbi. Essa posição generosa é apresentada pelo intelectual pombo, talvez, por acreditar que ainda exista a possibilidade de coexistência. Aposto também, com dúvidas, na esperança. Se Bartholomew Feather (2023) nos mostra uma posição de Artes, Ciências e Filosofias como

peças – que fabricam e são, simultaneamente, fabricadas pela Máquina Classificatória de humanidades –, o que restaria à nós, leitores e leitoras, deste pequeno ensaio e que provavelmente, por habitar a peça ciência, também compõem a Máquina? Talvez a resposta possa vir contaminada.

Quando Anna Tsing (2022, p. 73) nos indaga sobre “[...] [c]omo um encontro se transforma em ‘acontecimento’”, a resposta imediata é apresentada sobre o conceito de contaminação: “Somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos na medida em que abrimos espaço para outros. Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados – e novas direções – podem surgir.” (Tsing, 2022, p. 73).

O entendimento de Tsing dialoga com o que apresenta a antropóloga Nastassja Martin em *Escute as Feras* (2021, p. 97): “[...] [o] acontecimento não é: um urso ataca uma antropóloga francesa em algum lugar nas montanhas de Kamtchátka. O acontecimento é: um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos implodem”. Com Feather (2024), foi possível apreciar que o acontecimento, nos contextos urbanos, pode emergir do excremento de pombo.

Em uma vida acelerada pelo capitalismo, pela colonialidade e pelo racionalismo – três entidades que corroboram para a manutenção dos modos de existência humanos e que, sem dúvida, afirmam o seu excepcionalismo – as Ciências, Artes e Filosofias que reverberam, muitas vezes, são alimentadoras da Máquina Classificatória de Humanidades. O que contra-fazer? Se os acontecimentos podem ser intensos, como o relatado pela antropóloga Nastassja Martin (2021), não se faz difícil de imaginar que eles também podem ser sutis, como o terno encontro entre o excremento de pombo e o terno do executivo (enquanto figura que habita o centro daquilo que a Máquina Classificatória de Humanidades postulou como humano). Para tanto, torna-se ímpar o exercício da disponibilidade. Nesse exercício, o pombo assume um papel central na configuração dos acontecimentos urbanos nas ruínas do capitalismo.

Bartholomew Feather, ou Bart, é um idiota. O que aprender com idiotas? Isabele Stengers afirma que “[...] [o] idiota de Deleuze, [...] é aquele que sempre desacelera os outros, aquele que resiste à maneira como a situação é apresentada, cujas urgências mobilizam o pensamento ou a ação” (2018, p. 444). O sutil encontro entre o humano e o excremento de pombo promove desacelerações, abrindo espaço para as contaminações. O fungo e a morte do humano, ao menos enquanto figura cristalizada de existência. O borrador das bordas. O catalisador das disponibilidades. Nesse exercício de abertura de poros, de reconstrução das existências humanas, de disponibilidade para habitar a borda da Máquina Classificatória de Humanidades, o terreno que se assenta é o dos encontros e contaminações.

Haraway (2023) chamaria os pombos de espécies companheiras. Companheira de *cum panis* – aquele com o qual repartimos o pão. Aquele que habita as praças, o idiota que ralenta o ritmo da vida e que, como com um lima, provoca a criar modos de (re)existir naquele tempo que alguns ousam chamar de Antropoceno. Por ausência de ursos nas grandes metrópoles, os acontecimentos emergem no contato com os pombos. As contaminações são terreno fértil para o exercício da humologia, ciência dos corpos contaminados, dos multiplexistentes, do devir-com.

Em *Mire na Cabeça: os zumbis do antropoceno* (2024), Stefany Stettler traz um relato muito interessante:

O que seria eu posicionada diante do problema do Antropoceno, dos animais, dos outros, dos zumbis e de suas causas? Segundo alguns membros do departamento no qual me formei em Filosofia, não existe filosofia no Brasil. Se não existe filosofia, também não existem filósofos brasileiros. Eu, portanto não posso me colocar como filósofa, mas como estudante de filosofia em um processo eternamente inacabado. Eu também não seria antropóloga, ainda que minha pesquisa fale mais de humanos do que não mais humanos. Haraway, em *Staying with the trouble*, também rejeita os termos derivados do radical *antropo*-, substituindo-os em “Camille Stories” por húmus, composto. Assim, com meu título sendo negado pelo departamento em que me formei, eu, negando junto com Haraway o radical *antropo*, digo então que sou humóloga! (Stettler, 2024, p. 21).

Nesse território apontado por Stettler (2024), a partir de Haraway, gostaria de permitir-me brotações. Minha formação está no campo da Química, mas, apesar de existir Química no Brasil, tenho dedicado meu tempo a pensar Químicas menores, bem com suas educações. Estudei meu doutorado pensando nos Direitos Humanos. Porém, o encontro com Bart me provocou a negar o *antropo*, a repensar e reposicionar-me. A Therolinguística surgiu como uma forma de contribuir para construir um mundo no qual, seguindo a máxima Zapatista, possa caber muitos mundos. O pombo me levou às artes visuais e provocou a descobrir o *performer* que já existia em mim. Essa sensação de não encaixe, gostosa quando aprendemos a apreciar, também é bastante dura.

Por mais que o ser “*uno*” seja profundamente desestimulado por Feather (2023, p. 169), que aponta “[...] a vontade do ser como inviabilizadora do devir”, lendo Stettler (2024) percebi que me vejo um pouco como humólogo também. Será a emergência de uma nova disciplina? O território de exilados? Será meu desejo por encaixe? Não sei... mas é bom não saber. Não desejo que a humologia, como terreno propício para a ebulação do devir com, torne-se, mais um, dever-ser.

Pensar Artes, Ciências, Filosofias torna-se, diante do apresentado por Feather (2023), um grande desafio. Sua consideração de tais peças – criadoras e criadas pela máquina em um processo de retroalimentação – não estabelece algumas diferenciações que eu, como humano, vejo que sejam necessárias. É importante destacar que, para nós, essas três peças são bastante polissêmicas e, com o intuito de desatar alguns nós, registro aqui que, em minha análise sobre a obra de Feather (2023), o autor pombo direciona sua crítica às Artes, Ciências e Filosofias “maiores”³.

Se tomarmos como base o entendimento de Deleuze sobre as minoridades, percebemos que as Artes menores, as Ciências e as Filosofias menores constituem outro esquema de circulação do poder. Batalha (2013) estabelece critérios para que uma obra seja considerada menor: 1) no âmbito estético – vinculados à imperfeição da forma, inadequação retórica; 2) interno – relacionados a balizadores poéticos de sua época; 3) a denotação de uma excessiva marginalidade, provocando estranhamento, uma singularidade particular; 4) sociológico – evidenciando a obra em uma área da cultura tida como secundária; 5) critérios que discriminam autores(as); 6) históricos ou historiográficos; 7) critérios assumidos pelo escritor menor em situação de exilado.

Essa leitura proporciona o surgimento de três considerações imediatas: a primeira diria que, apesar de todas as obras também pertencerem ao esquema maquínico, com exceção as produzidas por companheiros(as) mais que humanos – como o trabalho de Feather (2023) –, não seria justo colocá-las sobre a mesma égide das produções localizadas no centro maquínico. A segunda busca uma extração: os mesmos apontamentos evidenciados para a literatura podem ser pensados para outros gêneros artísticos, bem como para as produções filosóficas e científicas. Há Filosofias menores, há Ciências menores, e há Artes menores. O exercício de composição “*com*”: arte-*com*, ciência-*com*, filosofia-*com* ou (arte, ciência, filosofia)-*com* estariam em um território de permeabilidade que proporcionaria a ebulação de novos mundos, novos modos de existência. Uma (arte, ciência, filosofia)-*com*, por entendermos a força do excepcionalismo humano, já nasceria minoritária e pertencente aos exílios em Terra. Exílios esses como zonas de contaminação que insistem em existir, contrapondo-se a qualquer possibilidade de assepsia planejada pelos processos maquínicos. Território fértil para a humologia. É no território dos exilados – o equilibrista que se desequilibra, hacker que desvia e propõe inoculações virais, o zumbi das adesões antissêmicas – que pode brotar corpos disponíveis, companheiragens multiespécie.

A terceira consideração buscaria a essência do devir-*com*. Haraway (2022, p. 10) diz: “Ser é sempre um devir com muitos. Algumas dessas biotas pessoais microscópicas são perigosas para o eu que escreve essa frase; por ora, elas são mantidas sob controle pelas medidas da sinfonia coordenada de todas as outras, células humanas ou não que tornam possível o eu consciente”.

Não há como discordar desse entendimento biológico. Entretanto, a filosofia de Feather (2023) considera as cisões estabelecidas pela Máquina, cisões essas que impedem inclusive tal compreensão do ser como um devir-*com* muitos. É nesse âmbito que se destaca a possibilidade de uma (arte, ciência, filosofia)-*com*. Sem tal entendimento das fraturas e fissuras alavancadas pelas categorias conceituais “humano” e “Humanidade”, toda arte, ciência e filosofia já seria, por essência, arte-*com*, ciência-*com* e

³ Talvez, se Bartholomew Feather tiver acesso a esse texto, ele dirá que estou errado e que todas as ciências, artes, filosofias se constituem como peças - as maiores ou as menores. Talvez ele diga que seu tradutor e comentador é um idiota, não no sentido de Deleuze, ou que sou humano demais para perceber. Trabalhar com algum grau de esperança é sempre correr riscos.

filosofia-com. O Excepcionalismo humano, como produto das cisões maquinícias, se faz como um impeditivo. Esse processo é análogo ao que Mark Fischer chama de “Realismo Capitalista”.

Fisher (2020) argumenta que os anos 1980 foram um período no qual o realismo capitalista se estabeleceu e criou raízes, principalmente com a doutrina de Margaret Thatcher, que dizia *“There is no alternative”* – um sucinto *slogan* que circula quase que livremente e se alimenta da confusão entre o real e a realidade. Enquanto o real pode ser entendido como um “[...] x irrepresentável, um vazio traumático que só se pode ser vislumbrado nas fraturas e inconsistências da realidade aparente” (Fisher, 2020, p. 35), a realidade está no campo da ideologia – que se apresenta como fato empírico, necessidade. Assim o realismo capitalista atua, confundindo o real com realidade.

Somos estimulados a acreditar que não há saída e as coisas “são como são”. Na obra de Feather (2023), o Humano e a Humanidade estabelecem esse papel de construção ideológica de uma realidade. Esse fator impede a construção de concepções ecológicas mais radicais, uma vez que até o *Bem-Viver* foi deslocado de ontologias indígenas para habitar o espaço do Estado democrático de direito e reforçar o modo de existência do poder acumulado e centralizado que diz: “agora precisamos ser ecológicos”. Por que confiar nas mesmas estruturas que, há não mais de cem anos, vociferavam a necessidade de um desenvolvimentismo? Por que confiar nas mesmas estruturas que matavam os indígenas, destruíram as florestas, destruíram mananciais com substâncias tóxicas e disseram que estava tudo bem? Por que confiar nas mesmas estruturas que permitiram que a Texaco fizesse o que fez e saísse impune? Quando lanço tais questionamentos, não estou falando que o Bem-Viver compõe uma constituição seja algo “ruim”. Não, eu não acho algo ruim e, para ser sincero, é um marco. É muito melhor um Estado democrático de direitos do que um autoritário e fascista. É muito melhor um Estado comprometido com questões ecológicas do que um comprometido com cinco ou seis empresários do agronegócio. Quando questiono, questiono a confiança em tais estruturas de poder. Em um passado não tão distante, a química disse “inventamos garrafas plásticas, elas são ótimas”. Hoje, a química diz “não usem, elas são horríveis”. Ela hoje está correta, mas isso não apaga o fato de que são os mesmos homens brancos do Norte Global ditando, há muitos anos, o que deve ser feito. Se pensamos sobre quais estórias contam estórias e quais mundos modificam mundos, é importante que muitos mundos componham as possibilidades – escuta, colaboração, composição com.

A figura do Equilibrista que vai a outras máquinas existenciais e volta para a Máquina Classificatória de Humanidades com um dever-ser está em questão:

O dever-ser se organiza, e modificamos categorias maquinícias. “Direitos Humanos e da Natureza”. Os equilibristas criam artifícios, propõem movimentos – decolonialidades, subalternidades, pluriversos e pluriversidades. Todas como alternativas viáveis. Melhoramento maquiníco, aperfeiçoamento da Máquina Classificatória de Humanidades. O equilibrista diz: a culpa é do capitalismo! Outro diz: A culpa é do colonialismo! O terceiro equilibrista fala: a culpa é dos dois, juntos, e do patriarcado. Tronos são questionados e outros “deveres-ser” se constituem e seguem aprimorando as peças, peças derivadas, agrupamentos e mega agrupamentos. (Feather, 2023, p. 128).

Precisamos mais do que o dever-ser, criador de ideologias e normatizador da vida coletiva. Desatar esses nós, compor alternativas coletivamente são exercícios também de fabulação. São exercícios de rompimento com um realismo capitalista, realismo colonialista, realismo racionalista, realismo patriarcal e, principalmente, considerando o foco deste ensaio, romper com o excepcionalismo humano, o antropocentrismo levado ao extremo. Por mais que sejamos humanos falando sobre esse excepcionalismo e por mais que sejamos pertencentes às ciências e este texto esteja publicado em uma revista científica, indexada, parte de uma área de conhecimento, promotora de pesquisas. Desatar esses nós implica em um exercício de propor novos modos de existência que, para ser sincero, não são nem tão novos assim. O trabalho de Feather nos convida a esse exercício.

A dificuldade talvez esteja na falta de referências, uma vez que os capitalistas, colonialistas, racionalistas e o patriarcado atuam fortemente para extinguir qualquer forma antissistêmica de referência – indígenas, quilombolas, anarquistas, comunistas... mas também aquilo que chamamos de animais, plantas, fungos –, nosso foco.

Escrevendo este ensaio, me lembrei que, quando era adolescente, li uma das primeiras definições de arte. Apesar da grande dificuldade de defini-la, o autor usava como critério aquilo produzido por humanos. Confesso que não me lembro do autor, eu era só um adolescente, mas isso me marcou. “Eu não consigo dizer o que é a arte, mas só é arte se for produzido por humanos”; extrapolando: “não consigo dizer o que é a filosofia, mas só é filosofia se for produzida por humanos”; “não consigo dizer o que é a ciência, mas só é ciência se for produzida por humanos”.

Proponho, então, como exercício de hackeamento da Máquina Classificatória de Humanidades, inoculações virais – considerarmos as Artes, Ciências e Filosofias conduzidas por ontologias mais-que-humanas. Assim como Bartholomew Feather (2023) fez. Therociências, Theroartes.

Um exercício de compor referências, estórias de companheiragem às quais possamos nos ligar. A geolocalização dos pombos não possuía status científico – que passemos a considerá-las; a construção de barragens por castores como um conhecimento de engenharia. Os humanos aprenderam com essas espécies e pilharam seus conhecimentos, assim como ocorreu com diversas existências *antropos*. Poderia chamar isso de mito do *antropo-conhecimento*.

A capacidade dos fungos de ocuparem espaço ou o gerenciamento de recursos pelas formigas estão longe de serem considerados conhecimentos. Por que a silhueta de um animal deixada em barro não é compreendida como arte, se a silhueta de um humano, por mais que tal humano esteja na borda da Máquina Classificatória de Humanidades, seja assim compreendida? Intencionalidade? Como aferir a não existência da intencionalidade no mundo animal, vegetal, fúngico? Como atestar? Bartholomew Feather (2023) compôs filosofias, artes, o que o torna melhor ou mais próximo do *antropos*? A possibilidade de um tradutor?

Talvez a questão aqui seja o fato de nos considerarmos os únicos seres com inteligência, ou então o conceito de inteligência ser tão antropocêntrico que ignoramos qualquer outra forma de existência – atitude não muito inteligente, afinal.

James Bridle, em *Maneiras de ser - Animais, plantas, máquinas: a busca por uma inteligência planetária* (2023), recupera um pouco do histórico de experimentação animal com ênfase no conceito de inteligência. Os absurdos realizados só permitem uma conclusão:

[S]e quisermos realmente entender melhor no que consistem as inteligências não humanas- para com isso transformar nossa forma de compreender nossas capacidades e as dos outros - temos que parar de pensar na inteligência como algo que é definido pela experiência humana. Em vez disso, precisamos pensar na inteligência como algo mais que humano desde o princípio. (Bridle, 2023, p. 72).

Para o autor, definir inteligência com base naquilo que os humanos fazem é a maneira mais estreita possível de pensar sobre ela. Se ampliamos essa definição e o coro de mentes que a manifesta poderemos, assim, permitir que a inteligência humana floresça de uma forma nova. De maneira análoga, entendo que possamos pensar que outras mentes produzem outras Ciências, Artes e Filosofias – por mais que tais conceitos sejam estruturas criadas por humanos e para humanos ou, como diria Feather, peças da Máquina Classificatória de Humanidades.

Não sei se posso os mesmos objetivos de Bridle (2023) com o intuito de tornar melhor o conceito de inteligência humana e, de certa forma, acredito que tal objetivo seja um resquício do excepcionalismo humano. As filosofias de pombo, que emergem de Feather são apenas excrementos que, com o olhar antropocentrado, podem formar constelações. DIRECIONAMENTOS PARA IMANÊNCIA. A urgência e emergência de (arte, ciência, filosofia)-com, não deixa de ser mediada pelo *antropos*, entretanto abre espaço para novos modos de vida e, talvez, seja o modo de produção multiplexistente – para nos apropriarmos do conceito de Feather (2023).

5 DAS INCONCLUSÕES

A relevância que o trabalho de Feather tem adquirido motivou a escrita deste texto. Pensar Artes, Ciências e Filosofias mobiliza uma gama muito ampla de afetos e a crítica a tais estruturas muitas vezes são tomadas com uma pessoalidade do ser. Aqueles que não se pouparam de vociferar suas identidades como artistas, cientistas e filósofos, de imediato, entram em posição de embate. Preciso dizer que Feather (2023) não se furtou de apontamentos que mobilizam diversas angústias do ser e que isso é parte importante do seu trabalho. Compreender as Artes, Filosofias e Ciências como peças construídas e construtoras da Máquina Classificatória de Humanidades não se faz problema quando o que está em questão não é o excepcionalismo humano, entretanto, como apontado anteriormente, se nós, humanos, desejamos sair de nosso pedestal e, talvez, considerar que há mais espécies com conhecimentos válidos, importantes para a vida em Terra, esse ponto se faz urgente. Ciências que reforçam o excepcionalismo humano, que ampliam as cisões e fraturas entre “Humano” - “humanidade” e Terra, descartando ontologias mais-que-humanas, desconsiderando existências animais, vegetais, minerais, contribuem para a ampliação das crises climáticas e para proporcionar a extinção em massa de todas as espécies, inclusive do *antropos* que se intitula humano.

Artes que reforçam o excepcionalismo humano, que ampliam as cisões e fraturas entre “Humano” - “humanidade” e Terra, descartando ontologias mais que humanas, desconsiderando existências animais, vegetais, minerais, contribuem para a ampliação das crises climáticas e para proporcionar a extinção em massa de todas as espécies, inclusive do *antropos* que se intitula humano. Filosofias que reforçam o excepcionalismo humano, que ampliam as cisões e fraturas entre “Humano” - “humanidade” e Terra, descartando ontologias mais-que-humanas, desconsiderando existências animais, vegetais, minerais, contribuem para a ampliação das crises climáticas e para proporcionar a extinção em massa de todas as espécies, inclusive do *antropos* que se intitula humano.

Apostar em uma (artes, ciências, filosofias)-com, caminho apresentado em diálogo com a obra de Feather (2023), para mim, está para além do passo do Equilibrista, no qual se instituiria um novo dever-ser. Está também para além de uma constatação de que todo ser é devir-com, por mais que reconheçamos a importância de tal entendimento. Feather (2023), como um idiota no sentido deleuziano, nos estimula a ralentar. Se o excremento de pombo, quando atinge o “humano”, possibilita desacelerações e mudanças de rumo, seria desconsiderar todas as proposições de Feather para instituir uma noção de (artes, ciências, filosofias)-com. Não, apesar de humano, ainda me resta um pouco de bom senso. Encerro este texto emulando Isabelle Stengers (2018), em sua proposição cosmopolítica, ao afirmar que pensar e apostar em (artes, ciências, filosofias)-com trata-se de desacelerar a construção de um mundo comum. Nutrir a hesitação de um fazer mecânico e maquinico das artes, das ciências e das filosofias. Trata-se justamente de desacelerar! Sei que sou humano demais querendo ser húmus.

Stengers (2018) diz que um *ethos* não se faz como função direta do seu meio ambiente (*oikos*). Ele será sempre o *ethos* do ser que se revela capaz dele. Com isso, não o transformamos de modo previsível mudando seu ambiente, porém, nenhum *ethos* seria, em si mesmo, detentor de significação, uma vez que não conseguimos prever de que um ser é capaz ou pode se tornar capaz. Assim, o *oikos* propõe, mas é o ser que dispõe dessa proposição, dando ou negando-lhe uma significação. “Nós não sabemos do que um pesquisador, afirmando hoje a legitimidade, mesmo a necessidade de determinada experimentação animal, poderia se tornar capaz em um *oikos* que lhe exige pensar ‘em presença’ das vítimas de sua decisão” (Stengers, 2018, p. 449). Amplio para um pesquisador, um artista, um filósofo. Com isso, só me permito esperar que tal hesitação possibilite a criação de novos rumos. Que novos ambientes possam possibilitar novas formas de existência, ou melhor, que possibilite artes-com, ciências-com, filosofias-com: (artes, ciências, filosofias)-com. Ralento, hesito, e articulando possibilidades aprendidas em parceria com pombos-ciborgues e outras espécies companheiras.

REFERÊNCIAS

BATALHA, M. C. O que é uma literatura menor?/What is a minor literature? *Revista Cerrados*, Brasília, v. 22, n. 35, p. 113-134, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/14137/12459>. Acesso em: 18 fev. 2025.

BISPO DOS SANTOS, A. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

BRIDLE, J. *Maneiras de ser* - Animais, plantas e máquinas: a busca por uma inteligência planetária. Tradução de Daniel Galera. São Paulo: Todavia, 2023.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. The Anthropocene. *Global Change Newsletter*, Estocolmo, n. 41, p. 17-18, maio 2000.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2011.

FEATHER, B. *A máquina classificatória de humanidades*: escritos excrementais. Tradução de Roberto Dalmo. São Paulo: Livraria da Física, 2023.

FEATHER, B.; DALMO, R. *Merda de Pombo*. 2024. Técnica: lata, fezes de pombos.

FISHER, M. *Realismo capitalista*: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HARAWAY, D. *Quando as espécies se encontram*. Tradução de Juliana Fausto. São Paulo: Ubu, 2022.

HARAWAY, D. *Ficar com o problema*: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1, 2023.

KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MANZONI, P. *Merda d'artista*. Técnica: lata, fezes humanas. 1961.

MARTIN, N. *Escute as Feras*. Tradução de Camila Vargas Boldrini e Daniel Lühmann. São Paulo: 34, 2021.

MOORE, J. W. (org.). *Antropoceno ou capitaloceno*: natureza, história e a crise do capitalismo. Tradução de Antônio Xerxenesky e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 442-464, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663/139603>. Acesso em: 18 fev. 2025.

STETTLER, S. S. *Mire na cabeça*: os zumbis do antropoceno. Curitiba: Da autora, 2024.

TSING, A. L. *Viver nas ruínas*: paisagens multiespécies no Antropoceno. Tradução de Thiago Mota Cardoso. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, A. L. *O Cogumelo no fim do mundo*: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1, 2022.



Recebido em 19/02/2025. Aceito em 20/04/20205.

Publicado em 25/09/2025.